

IMPACTOS DO ISOLAMENTO CONJUGAL SOBRE A ROTINA DA MULHER DO EMIGRADO¹

Carlos Alberto Dias
Universidade Vale do Rio Doce

Clarisse Sousa Boechat
Universidade Vale do Rio Doce, bolsista de iniciação científica FAPEMIG

Emilliane de Oliveira Matos
Universidade Vale do Rio Doce, bolsista de iniciação científica FAPEMIG

Agnes Rocha de Almeida
Faculdade de Administração de Governador Valadares

Adilson Rodrigues Coelho
Universidade Vale do Rio Doce

RESUMO:

Segundo a literatura o isolamento social tende a favorecer o recrudescimento da saúde física e emocional. Objetivando conhecer as implicações do processo emigratório sobre o cotidiano de mulheres valadarenses cujos parceiros residem no exterior como emigrantes, realizou-se este estudo exploratório no qual 247 dessas mulheres participaram de uma entrevista domiciliar em profundidade. Os dados revelaram que diante do isolamento, as entrevistadas tornaram-se menos sociáveis e distanciaram-se de amigos enfraquecendo sua rede social de apoio. O isolamento conjugal, além de provocar significativas mudanças na rotina da mulher, produz mudanças em sua autopercepção e avaliação de seu relacionamento conjugal.

Palavras-chave: emigração, mulheres de emigrantes, isolamento social, isolamento conjugal, saúde emocional

Sessão Temática

3. Demografia

¹ Trabalho desenvolvido a partir da pesquisa Impactos da emigração sobre a sexualidade da esposa do emigrante, apoiada pela FAPEMIG.

Um contexto emigratório

Localizada no leste do Estado de Minas Gerais, a 303 km de Belo Horizonte, Governador Valadares adquiriu notoriedade Nacional em decorrência de sua cultura migratória. Embora o processo emigratório na cidade tenha iniciado entre as décadas de 1950 (ASSIS 1999) e 1960 (SIQUEIRA 2004), a emigração maciça teve seu apogeu no final da década de 1980, no qual milhares de cidadãos partiram, e ainda partem, para o exterior em especial para os Estados Unidos.

Segundo Assis (2002), tornar-se emigrante é um projeto econômico, familiar e afetivo. A esse título, Fusco (2006) relata que 40% dos valadarenses que emigram para os Estados Unidos contam com o apoio financeiro familiar para realizar a viagem. Um dos principais objetivos dos envolvidos é conseguir a quantia desejada de dinheiro no exterior, retornar à cidade de origem e realizar projetos familiares outrora impossibilitados por dificuldades de ordem econômica.

Com base em seus estudos Assis (2007) estimou que 6,7% dos valadarenses vive ou já viveu por algum tempo no exterior como emigrante. Considerando a atual população do município que é de 260.396 habitantes (IBGE, 2007), pode-se estimar que o número dos cidadãos implicados no processo seja da ordem de 17.446. Vale ressaltar, que uma estimativa mais precisa do número de valadarenses que partiram para o exterior é dificultada pelo fato de que a grande maioria parte de forma ilegal ou indocumentada. Quanto às diversas formas utilizadas pelos valadarenses em tornar-se parte do processo, que por sua vez ofuscam a possibilidade de estatísticas mais precisas, Fusco (1997, p. 1) fez o seguinte comentário: “O fluxo valadarense é um movimento recente e ainda em fase de ajustes em sua configuração”.

A impossibilidade de estatísticas fidedignas cria diversas previsões que se distanciam daquela de Assis. A título de exemplo, Machado e Reis (2007) assinalam que a prefeitura de Governador Valadares estima que em torno de 40.000 valadarenses se encontrem nos EUA como emigrantes. O fator econômico foi e continua sendo preponderante na decisão de emigrar. Conseguir trabalho no exterior, pagar dívidas contraídas, adquirir casa própria ou melhorar a situação financeira, são algumas das variáveis propulsoras desse movimento. Viver nos EUA longe da família e trabalhar por mais de doze horas diárias em subempregos não se constitui empecilho para a ida, uma vez que a remuneração em dólar (moeda mais valorizada que o real) arrefece os aspectos negativos. Trabalhar nos EUA significa, muitas vezes, a realização de projetos que devido às adversidades financeiras vivenciadas no município de Governador Valadares, seriam inviáveis.

De acordo com Almeida e Dias (2004) a maioria das mulheres de emigrantes, apesar do receio inicial quanto à separação física do casal, tende, diante das dificuldades econômicas vivenciadas, a incentivá-los a tentar a sorte em outro país. A princípio, predomina o temor relativo à distância, a fidelidade conjugal bem como a uma possível separação proveniente da nova situação relacional do casal. Contudo, em geral, os aspectos econômicos acabam sendo priorizados em detrimento da estabilidade emocional.

O apoio oferecido pelas mulheres que permanecem na cidade não é isento de prejuízos familiares, emocionais, psicológicos e de arrependimento quanto à convivência com a partida do parceiro. Os prejuízos mais significativos sedimentam-se com o tempo de distanciamento, sendo difícil uma avaliação prévia das consequências dessa ruptura familiar.

Esse artigo lança um olhar sobre as circunstâncias experimentadas por mulheres de emigrados valadarenses que permanecem por anos a fio na cidade, administrando remessas de dinheiro enviadas, cuidando da casa, da educação dos filhos e assumindo compromissos que, na configuração anterior à ida do parceiro, não seriam assumidos. Outra alteração significativa que se delineia no seio dessa condição de espera é o isolamento social gradativamente vivenciado por

essas mulheres. Os fatores que geram tal isolamento e as consequências por ele produzidas serão focos da presente discussão.

Vale especificar que termos recorrentes no artigo, tais como rede social e o apoio social, não são sinônimos apesar de estarem relacionados. Rede social é entendida como grupo de pessoas com as quais o indivíduo mantém contato ou alguma forma de vínculo social (Bowling & cols, 1997). O apoio social por sua vez, diz respeito à ordem de grandeza operacional ou qualitativa da rede social. Assim, o apoio social considera a disponibilidade de pessoas com quem se pode contar em situações difíceis para receber, por exemplo, auxílio emocional, afetivo ou material como também a sentir-se parte valorizada no contexto dos grupos dos quais faz parte (Norbeck, Lindsey & Carrieri, 1981).

Por fim, vale salientar que o processo emigratório não é um fenômeno ocasional, mas um elemento constitutivo da identidade social valadarense. Embora seja visto como uma possibilidade de melhoria da qualidade de vida de inúmeras famílias, o “emigrar”, mais do que uma esperança é uma denúncia. Quanto maior o número daqueles que partem, ou desejam fazê-lo, maior é a prova de que não se está criando recursos para manter na cidade, região, estado e país, inúmeros profissionais qualificados, obrigando-os a aventurarem-se a exercer subempregos em outros países.

Objetivo

O objetivo do presente estudo é conhecer as implicações do processo emigratório sobre o cotidiano de mulheres residentes em Governador Valadares, que possuem os parceiros no exterior como emigrantes.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo exploratória, na qual foi utilizada tanto uma abordagem quantitativa quanto qualitativa. A combinação das duas abordagens pode produzir resultados de melhor qualidade, sem esforços excessivos adicionais e ser um meio eficiente de aumentar a compreensão do objeto de estudo (SANTOS, 1999).

O universo de estudo foi constituído por mulheres casadas ou que possuíam algum vínculo conjugal e residiam na Cidade de Governador Valadares, estando seus parceiros residindo no exterior como emigrantes há pelo menos três meses.

Para o presente estudo, utilizou-se da amostragem intencional (amostra não-probabilística), considerando que muitos membros do subconjunto a ser estudado são facilmente identificados, embora sua enumeração total se revele quase impossível. Na situação da pesquisa considerou-se importante que a investigação contemplasse mulheres que além de assumir as tarefas de gestão, acompanhassem o desenvolvimento dos filhos no lar e nas escolas. O contato com as escolas situadas na cidade constituiu-se num recurso incontornável para o cadastramento das participantes. Define-se *amostragem intencional* como sendo uma amostra baseada no “próprio conhecimento da população e dos seus elementos, e da natureza das metas de pesquisa”. (BABBIE, 2005, p. 153)

Foram incluídas na amostra mulheres que tinham na época ou que já tiveram o marido ou parceiro fixo residindo no exterior por um período mínimo de três meses; bem como aquelas que tinham marido ou parceiro fixo com sucessivos períodos de permanência no exterior com durabilidade média de um ano.

Foram excluídas da amostra mulheres com algum déficit cognitivo ou que se sentiram profundamente angustiadas diante da questão em estudo, bem como aquelas que se recusaram a participar logo nos primeiros contatos para falar da possível participação na pesquisa.

Visando testar o método de trabalho, os processos técnicos envolvidos na execução do projeto e os instrumentos utilizados pela coleta de dados, foi realizado um estudo piloto com 20 mulheres utilizando-se os critérios de inclusão e exclusão. Porém, estas não foram consideradas pelo estudo principal. O Estudo piloto permitiu avaliar a clareza e objetividade da entrevista.

Para a coleta dos dados, foram realizadas as seguintes etapas:

1. Inicialmente foram mantidos contatos com as diretoras de escolas da rede Pública e Privada de Governador Valadares e discutida a possibilidade de realização da palestra “*Dicas para a educação dos filhos que possuem o pai no exterior*” para as mães de alunos cujo parceiro fosse emigrante.
2. Após a autorização da direção da escola, foi agendado o dia do encontro por meio de um convite formal às mães em questão, para participarem do evento.
3. Ao final da palestra, cuja duração era em torno de 60 minutos, fez-se uma apresentação da pesquisa e convite para participação. De acordo com o interesse das mulheres, foi possível a criação de um cadastro com identificação e telefone de mães que estivessem dispostas a fazer parte da pesquisa.
4. A partir do cadastro, foi realizado o contato telefônico e agendamento do dia e horário para a entrevista domiciliar.
5. No domicílio das mães cadastradas fez-se inicialmente uma reapresentação dos objetivos da pesquisa, do instrumento de coleta de dados e orientação para a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
6. A entrevista foi realizada em um local da residência que apresentasse boa iluminação, tranquilidade e silêncio, procurando assegurar a privacidade da participante. As respostas foram anotadas em formulário próprio para posterior alimentação do banco de dados. Cada entrevista teve uma duração média de 60 minutos.

Para avaliação dos impactos da emigração sobre a vida da mulher do emigrado, foi realizada uma entrevista baseada num roteiro específico desenvolvido para esse estudo. Tal roteiro buscou identificar as mudanças na vida diária, afetiva e sexual, ocorridas a partir da ausência do parceiro. O roteiro norteador da entrevista continha vinte e seis questões para as quais não eram indicadas alternativas, deixando as entrevistadas livres para expressarem-se de acordo com suas vivências e expressões. As variáveis consideradas foram as seguintes: 1) idade, 2) escolaridade, 3) estado civil, 4) tempo de relacionamento, 5) tempo isolamento conjugal, 6) motivação para emigrar, 7) reação da mulher diante da decisão da partida do parceiro, 8) providências tomadas pelo parceiro a partir da chegada no exterior, 9) o sentimento diante das providências tomadas pelo parceiro, 10) atitudes tomadas pela mulher a partir do envio de remessas de dinheiro, 11) as atitudes tomadas pela mulher diante da falta do parceiro, 12) opções de lazer na ausência deste, 13) sentimentos diante de outros casais, 14) frequência anual de visitas médicas, 15) medicação utilizada pela entrevistada, 16) existência de prescrição médica, 17) sintomas apresentados, 18) tempo de uso do medicamento, 19) autoestima a partir da ida do parceiro, 20) sua avaliação sobre o distanciamento, 21) representação individual de casamento, 22) com quem a entrevistada reside, 23) religião, 24) situação quanto à libido, 25) atitudes frente ao desejo sexual, 26) percepção quanto à traição feminina.

A apuração dos dados qualitativos foi realizada segundo a técnica da Análise do Discurso que utilizou fragmentos dos discursos das entrevistadas relacionados às alterações decorrentes do isolamento conjugal na vida cotidiana das mulheres de emigrados.

Os dados quantitativos foram tratados estatisticamente por meio do programa SPHINX que, além de realizar a organização dos dados, forneceu quadros e tabelas. A análise desses

quadros e tabelas, feita pela utilização do teste X^2 (Qui-quadrado), permitiu a verificação da existência ou não de uma interdependência entre as variáveis em observação nesse estudo.

Esse estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade a qual o projeto está vinculado. Todas as participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE assegurava-lhes o caráter confidencial de suas respostas e seu direito de não-identificação, reforçando que a pesquisa possui caráter voluntário.

Resultados

As entrevistadas têm em média 33 anos, 47,5% possuem mais de doze de relacionamento e o tempo de residência de seus parceiros no exterior gira em torno de três anos. Em decorrência de cobranças do parceiro emigrado, ciúmes, vigilância familiar e social, 72,8% das entrevistadas desenvolvem ações que tendem a aumentar o isolamento social gerando sentimentos de solidão.

Carências e adaptações relativas à separação que poderiam ter menor impacto diante de um amparo e de uma maior integração na rede social agravam-se devido a esse isolamento. A solidão, a saudade, o *stress* tendem a ser compensados na alimentação, nos contatos telefônicos com o cônjuge, no uso de medicamentos e nas orações. Outras 27,2% procuram relacionar-se socialmente visitando amigos e parentes, saindo para conversar com pessoas que não fazem parte do convívio familiar (Ver tabela I).

Alternativas	Frequencia	Porcentagem
Busco apoio na religião	120	26,3
Mantém contato telefônico com o cônjuge	106	23,2
Sai para se distrair e conversar	94	20,6
Chora, se deprime ou compensa na alimentação	75	16,4
Visita parentes e amigos	29	6,5
Entrega-se ao trabalho	22	4,8
Toma remédios	10	2,2
Total	456	100,0

Tabela 1: Alternativas na ausência do parceiro

Fonte: Pesquisa de Campo

Casos Válidos: 247

Mudanças significativas ocorreram no cotidiano dessas mulheres que antes contavam com a presença diária dos parceiros em suas vidas. Muitas relatam que a distância vivenciada diariamente contribuiu de forma negativa para a manutenção de seus relacionamentos, corroborando para a separação definitiva de muitas delas.

Às vezes a única coisa que eu sinto dele, saudade do que nós fomos, mas bem lá atrás, um dia ele falou comigo assim, ele falou que ia voltar né, agora ele não vai voltar porque ele ta mexendo com a documentação então eu acredito que ele não volte. Ele falou que ia voltar e eu falei assim “se for voltar o cara que chegou aqui em janeiro, precisa voltar não, agora se for pra voltar o marido que foi pela primeira vez será muito bem vindo (M., 42 anos, 5 de isolamento).

Tem momentos que agente se sente bastante sensibilizada... Eu, na área sexual, pra mim foi o pior, pois sou totalmente carente nessa área. Sou totalmente dependente disso, eu sou muito agitada (S., 38 anos, 4 de isolamento)

Conforme indicado na Tabela 2, 33,2% das entrevistadas participam de atividades organizadas pela igreja. Essa instituição constitui-se num espaço de participação irrestrita pelas mulheres – e até mesmo indicado pela família, parceiro e sociedade – ao contrário de instituições seculares tais como clubes recreativos e academias. Embora não seja propriamente um espaço de lazer, a igreja acaba sendo representada como tal. Na prática, ela torna-se um local onde encontram apoio junto a outros fiéis, o que gera algum bem-estar e energia para melhor vivenciar o distanciamento do parceiro.

Lazer	Frequencia	Porcentagem
Ir à igreja	144	33,2
Assistir Tv e ler livros	101	23,3
Ir ao shopping para compras e cinema	93	21,4
Visitar parentes e amigos	75	17,3
Praticar esporte ou academia	21	4,8
Total	434	100,0

Tabela 2: Opções de lazer

Fonte: Pesquisa de Campo

Casos Válidos: 247

As opções de lazer assumidas refletem em grande parte o nível cultural ou as aspirações das entrevistadas. Vale salientar que seja qual for a escolha, esta deve estar de acordo com as expectativas do parceiro e das famílias envolvidas, caso contrário, a busca da mulher por um relacionamento mais sociável ou de crescimento pessoal tende à separação como consequência. Segue abaixo alguns fragmentos de inúmeros relatos das entrevistadas em relação ao tema.

Parei minha vida total, parei. Teve um dia que falei, vou estudar, já tinha feito o segundo grau há dez anos. Aí resolvi entrar pro curso de enfermagem, aí eu voltei a estudar, e foi isso que me ajudou. Onde eu chegava na faculdade eu falava que isso pra mim foi uma terapia. Pois eu tinha parado total: não saía, ia a igreja de vez em quando, até então minha vida parou. Na faculdade eu tinha um lugar que eu podia respirar, podia conversar com outras pessoas, conviver (J., 30 anos, 6 de isolamento).

Mudou porque hoje eu sou uma pessoa que não vou em lugar nenhum, não vou em festa nenhuma. Eu sinto que eu tenho que levar o meu filho pra ele ficar sociável e tudo, mas eu não vou, aqui tem a festa da cultura aqui, eu nunca fui depois que meu marido foi embora, que a vida piorou e comecei a discutir com meu marido por telefone (D., 49 anos, 2 de isolamento).

Não, não é porque ele proíbe é porque acho assim. Eu gosto de festa ao lado dele então eu prefiro não ir. Como vou chegar sozinha, eu prefiro ficar em casa. Só vou na igreja, na casa da minha mãe, da minha sogra só (D, 36 anos, 5 de isolamento).

A situação de isolamento contribui para que 80,9% das entrevistadas vivenciem sentimentos que tendem a desenvolver nas mesmas uma baixa autoestima. A maior parte das entrevistadas relaciona esses aspectos negativos à ida do parceiro. Nesse sentido, percebem-se como mais ansiosas, deprimidas, impacientes, insatisfeitas, feias entre outros, desqualificando-se em termos físicos e emocionais. Isso está indicado na tabela 3. Apenas 19,1% possuem uma auto-percepção positiva.

Auto-percepção	Frequencia	Porcentagem
Mais ansiosa, impaciente e irritada	280	45,8
Mais triste, só, velha e inferior	136	22,3
Mais feia e gorda	78	12,8
Mais bonita e magra	74	12,1
Mais livre, independente e feliz	43	7,0
Total	611	100,0

Tabela 3: Auto-percepção a partir do isolamento conjugal

Fonte: Pesquisa de Campo

Casos Válidos: 247

Após vivenciar e familiarizar-se com a ausência do companheiro, com novos papéis que precisam ser assumidos e com a saudade, grande parte das entrevistadas repensa o apoio oferecido por elas na partida dos parceiros como impensado e inconsequente. Embora tenham consciência das necessidades de melhoria financeira da família, 79,3% acredita que o marido e a mulher devem estar juntos nos bons e maus momentos, como apresentado na tabela 4.

Prioridade do relacionamento conjugal	Frequencia	Porcentagem
Estar juntos nos bons e maus momentos	195	79,3
Trabalhar para um futuro melhor para os filhos	35	14,2
Fazer de tudo para ter uma vida financeira estável	16	6,5
Total	246	100,0

Tabela 4: Prioridade do relacionamento conjugal

Fonte: Pesquisa de Campo

Casos Válidos: 246

Como assinalado por diversos autores (Fusco, 2006; Siqueira, 2006, Machado, 2007), a busca por melhores condições financeiras constitui-se na maior motivação para que homens e mulheres participem do processo emigratório. O desejo de partir para o exterior é algo compartilhado pelos casais e incentivado por familiares. Efetivamente, o emigrar constitui-se num projeto familiar que inicialmente pouco se pensa nas consequências para a vida a dois. É a partir da experiência, que a mulher que assumiu com o parceiro os riscos futuros do isolamento conjugal, descobre efetivamente que a escolha deveria ter sido outra, como se observa no relato abaixo.

Graças a Deus nós tivemos outra chance e voltamos. Mas a ida para o exterior não valeu muito não, valeu como experiência e mais nada, só sofrimento mesmo, ficamos separados durante sete meses e nós resolvemos voltar (M, 45 anos, 2,5 de isolamento).

Olha, sinceramente essa coisa dele ter ido pra lá, eu acho isso errado, eu acho que nó... nunca ninguém tem que ir, porque quem tem família, ou vai todo mundo ou então não vai ninguém (D, 49 anos, 2 de isolamento).

Discussão

Conforme os resultados da pesquisa, as entrevistadas têm em média 12 anos de relacionamento, o que sugere a existência de toda uma dinâmica conjugal própria, arraigada no cotidiano dos casais que veio ser alterada pelo distanciamento. Aspectos simples que vão desde a companhia do parceiro, divisão de tarefas, chegando até ao amparo emocional, afetivo e sexual tornaram-se sujeitos a profundas transformações.

As parceiras de emigrantes passam a responsabilizarem-se por tarefas antes a eles delegadas tais como o pagamento das contas, administração do dinheiro enviado, educação dos filhos dentre outros. A ausência do parceiro tende a ser uma variável que muito contribui para o baixo rendimento escolar dos filhos do casal.

Segundo Almeida e Dias (2004, p. 77) as consequências dessa separação são múltiplas, pois, “Além de a mulher não mais poder contar com o parceiro para discutirem e buscarem juntos resolver as diversas situações que afligem os membros da família no dia-a-dia, ela perde também, por longos períodos, seu parceiro sexual”. Assim, com a ida do parceiro para o exterior, a mulher que permanece em Governador Valadares passa a vivenciar restrições relativas à liberdade, sociabilidade, lazer e sexualidade.

Quanto à forma de controle da moralidade e sexualidade femininas, Assis (2002) relata que em alguns casos as mulheres que permanecem na cidade têm as remessas de dinheiro entregues pelo sogro. Tal ocorrência aumenta a dependência da mulher em relação à família do parceiro, reduzindo sua autonomia e as possibilidades de estabelecimento de relacionamentos extraconjugais.

Por estarem sós, muitas dessas mulheres sentem-se desencorajadas a dar continuidade na participação de atividades sociais anteriormente vivenciadas. Em decorrência, 72,8% desenvolvem ações que tendem a aumentar o isolamento social, tais como: procurar alívio na alimentação, nos contatos telefônicos com o cônjuge, no uso de medicamentos e nas orações, conforme demonstrado na Tabela 1. Ou seja, além de vivenciarem a ausência do companheiro no seu dia-a-dia, essas mulheres acabam por abrir mão das relações sociais que supririam parte da carência afetiva provocada por essa ausência. O resultado é uma dupla solidão. Além da ausência do parceiro, elas passam a vivenciar um quadro de isolamento em relação à rede social.

Estudos demonstram que relações sociais empobrecidas constituem-se fatores de risco à saúde que equivalem ao fumo, alta pressão arterial, a obesidade e a ausência de atividade física (Broadhead & cols., 1983 citado por Andrade & Vaitsman, 2002). O apoio social recebido antes da ida do companheiro para o exterior se constituía num ampliador de auxílio recíproco, uma vez que a integração das mulheres nessa rede era, em geral, mais forte e unificada.

Em relação ao apoio social, estudos que relacionam a influência dos recursos psicossociais sobre a saúde, afirmam que o apoio social teria efeito tamponador (*buffer*) em circunstâncias estressantes (Cohen & Wills, 1985 citado por Andrade, Chor, Faerstein, Griep, Lopes & Fonseca, 2005). Para esse modelo, o suporte social funciona como proteção ao suavizar as consequências negativas de eventos estressantes sobre o bem-estar físico e psicológico do sujeito (Seidl & Tróccoli 2006). Além disso, o apoio social seria responsável por exercer uma influência positiva sobre o bem estar e a saúde geral dos indivíduos independentemente do coeficiente do estresse ou circunstâncias de tensão.

Ainda nesse sentido, Baptista e Torres (2006, p. 39- 48) apontam para evidências de que o “suporte social seja responsável pela redução de impacto de diversos transtornos psiquiátricos/psicológicos, tais como a depressão, transtornos ansiosos e esquizofrenia e, podem também estar associados ao desenvolvimento e tratamento e prognóstico desses problemas”.

Quanto ao apoio social que as redes possibilitam, enfatizam-se aqui os aspectos positivos das relações sociais. Entre eles vale destacar a troca de informações úteis; o auxílio emocional e prático oferecido pelos amigos em momentos de crise, de saudades do companheiro; a presença em eventos sociais como aniversários ou mesmo a simples presença de pessoas conhecidas em momentos triviais tais como compras em supermercados e outros. Por mais que sejam rudimentares as atividades rotineiras, estas constituem-se em possibilidade de entrosamento e participação social, quando realizadas em companhia de outros indivíduos da comunidade. Toda

essa gama de atividades, que outrora era vivenciada em maior dimensão, frequência e profundidade, após a ida do parceiro, sofre sensível embotamento que caracteriza o isolamento social.

O envolvimento na comunidade, que poderia constituir-se como elemento psicossocial relevante no aumento da autoconfiança, da autoestima, da saúde física e emocional, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas, é, na verdade, evitado. Estudos comprovam que quadros de enfermidades podem ser amenizados segundo a disponibilidade do apoio social oferecido. As redes de apoio e o convívio social influenciam diretamente na vontade de viver e na autoestima de pacientes, contribuindo para com o sucesso do tratamento (Minkler, 1985 citado por Andrade & Vaitsman, 2002).

O isolamento social pode ser definido como uma experiência de privação sócio-emocional em relação não somente à vida conjugal e sexual como também em relação à rede social. Esse isolamento se dá em nome do apoio afetivo do companheiro que se encontra fisicamente distante. Tal isolamento caracteriza-se pelo declínio da dimensão e profundidade de vínculos estabelecidos nas redes sociais, e pela diminuição da amplitude da natureza (vizinhas, amigas de infância, colegas de atividades esportivas, etc) qualidade e frequência dos contatos. Na maioria dos casos, amigos e conhecidos da mulher do emigrado saem de cena. Os familiares tornam-se foco de suas atenções, não tendo mais com quem compartilhar suas insatisfações sem que seja repreendida ou motivo de espanto.

O grau de intimidade anteriormente compartilhado com outros membros da rede, e o envolvimento social com estes acabam sendo defasados. Refere-se aqui a redes no sentido de pontos ou indivíduos conectados por fios relacionais de forma a compor a figura de uma rede de pesca. Quando as entrevistadas encontravam-se ligadas às suas redes de relações, elas automaticamente conectavam-se a outras pessoas numa relação de interdependência e policentrismo (Oliveira, 2000 citado por Andrade & Vaitsman 2002). Além disso, a perda de contato com apenas um membro, um ponto da rede, implica na perda de contato que ele viabilizava com pelo menos um terceiro, dependente do elo do segundo com o primeiro.

Dentre as diferentes ideias englobadas no conceito de *rede social* está também a ideia de "teia" proposta por Bowling e cols (1997, citado por Chor, Griep, Lopes & Faerstein, 2001). Segundo o autor, as relações sociais que circundam o indivíduo possuem tanto as características explicitadas anteriormente (disponibilidade, frequência e qualidade dos contatos com amigos, parentes e conhecidos), quanto os contatos ou alguma forma de participação social através de grupos de pessoas (grupos religiosos que são as opções mais procuradas de lazer, associações de bairros, sindicais ou das instituições de ensino onde seu(s) filho(s) encontra-se (m) matriculado(s)).

Existe ainda mais um aspecto que deve ser levado em consideração na análise da sociabilidade. Para Bowling e cols (1997, citado por Chor & cols 2001), o grau com que relações interpessoais correspondem a determinadas funções (apoio emocional, material e afetivo), está intimamente ligado ao grau de contentamento do indivíduo com a disponibilidade e qualidade dessas funções. Cobb (1976, citado por Chor & cols, 2001) caracteriza *apoio social* como um vínculo que faz com que o indivíduo se sinta querido, amado e valorizado. Vínculo este que leva o sujeito a se sentir como parte do todo de uma rede social com a qual estabeleceu compromissos mútuos e ações recíprocas. Esse sentimento produz efeitos positivos tanto para quem recebe como para quem oferece o apoio.

Embora os mecanismos de ação exercidos pela *rede e apoio social* nos sistemas de defesa do organismo humano, na sua saúde psíquica e física ainda não tenham sido completamente elucidados, existem estudos significativos sobre o assunto. É levantada entre esses estudos, a

hipótese de que a sociabilidade atuaria "tamponando" a resposta do organismo em forma de doença, que pode ocorrer em consequência de grandes perdas ou rupturas emocionais de acordo com o que foi apontado por Cohen e Wills (1985), citado por Chor e cols (2001).

Assim, a ida do parceiro, as mudanças irrefutáveis envolvidas neste processo seriam sensivelmente atenuadas diante de vínculos sociais de qualidade que, em geral, não são vivenciados. O recrudescimento da sociabilidade vivenciado pelas mulheres de emigrados engendra um círculo vicioso que tende a desintegrar a inserção destas nas redes sociais. Tais processos costumam ser potencializados: a desvitalização dos laços sociais acaba por ocasionar uma baixa autoestima muitas vezes relacionada à depressão. A depressão por sua vez estabelece quadros de apatia e desinteresse que acabam por desvitalizar ainda mais as relações pessoais (Sluzki, 1995).

A união desses fatores culmina na diminuição do bem-estar psicológico e na insatisfação para com a vida em geral. A rede de relações sociais que se constituiria como importante moderador da experiência de isolamento social é evitada. Ela se torna "*presa da solidão, embora às vezes se encontre em uma família numerosa*" (Morgado, 1986, p. 82). Essa solidão, na maioria dos casos, degrada tanto a saúde física quanto psíquica da mulher do emigrado.

A relação entre laços sociais e saúde foi sugerida por Cassel (1974), quando buscava indicativos de um paralelo entre a ruptura de laços sociais e a vulnerabilidade a doenças. Nesse sentido, Chor e cols (2001 s/n) fazem a seguinte observação:

Muitos pesquisadores observaram a relação que portadores de enfermidades tais como hipertensão arterial, depressão e tuberculose, e ainda vítimas de acidentes, com seus relatos freqüentes quanto ao fato de não estarem (ou não se sentirem) inseridos em uma rede de apoio mútuo, ou ainda de terem sofrido perdas relevantes de laços sociais.

Tais estudos deixam em evidência que a solidão, a perda da presença constante e rotineira do companheiro, fatores estressantes e novos em seu cotidiano somados ao abandono de sua vida social, põem em risco sua saúde psíquica e física. A depressão, elemento presente no discurso das entrevistadas, tanto daquelas que tomam algum medicamento quanto daquelas que não o fazem. Teles (1992, p.54) define depressão como "[...] um sintoma que faz parte de diversos distúrbios e síndromes, tendo seu curso e prevalência variáveis, pode apresentar ou não, sintomas somáticos e ainda pode ser classificada como uma doença assinalada por graves alterações afetivas."

Compartilhando o mesmo ponto de vista dos autores citados, Resende, Sousa e Guimarães (2006, p. s/n) afirmam que "as pessoas que apresentam maior satisfação para com a vida hoje são aquelas que recebem mais suporte afetivo, que contam com outras para suporte instrumental acreditam que estarão mais satisfeitas no futuro."

A hipótese da inter-relação entre o isolamento social vivenciado pelas mulheres de emigrados e a constatável debilidade de sua saúde emocional é corroborada pela análise dos dados que verificou uma sensível mudança na autoestima, autoimagem, saúde emocional e até mesmo física das entrevistadas. O embotamento da saúde emocional pode resultar de relações complexas entre o fator situacional correspondente à ida do parceiro para o exterior e o fator social que implica em geral um recrudescimento da sociabilidade. Essa associação acaba por gerar uma variável psicológica negativa que, em alguns casos, culmina em quadros depressivos.

Considerações finais

O isolamento social e o recrudescimento das redes relacionais fazem parte do cotidiano das mulheres de emigrados. Esse isolamento é resultado de variáveis tais como ciúmes do

parceiro, vigilância familiar, especulação social e tentativa de controle da moral feminina, que incutem na mulher a sensação constante de estar sendo fiscalizada e inspecionada. Sensação esta que a aprisiona na redoma da solidão cuja tristeza é companhia constante.

Mudanças tais como a sobrecarga de responsabilidades, a angústia da distância, as saudades, a sexualidade não vivenciada, a sensação relatada de que “quando ele viaja não sinto que to casada, mesmo sem por o pé na rua. Casamento é casal junto”, e a incerteza quanto a um retorno muitas vezes prorrogado, são por si próprios, aspectos negativos do distanciamento em relação ao parceiro. Distanciamento este provocado pelo processo emigratório.

Contudo, tais aspectos poderiam ser contornados e amenizados na presença de uma rede de apoio social estruturada, dirigida a essas mulheres, a seus filhos e a outras pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o projeto de emigração. Tal rede de apoio poderia contribuir para que esse processo fosse vivenciado de forma sadia, o que raramente ocorre. Pelo contrário, constata-se que a partir da ida do parceiro para o exterior o isolamento é variável presente, constituindo-se elemento-chave que desencadeia toda uma série de consequências físicas e psicológicas negativas observadas em 71,6% dos casos estudados.

O isolamento social vivenciado pela mulher do emigrado não é uma opção, mas um efeito colateral da escolha por uma solução para dificuldades financeiras enfrentadas pela família. É um efeito colateral por ser uma consequência negativa resultante de uma opção de distanciamento que a princípio seria a solução para os problemas do casal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. & Dias, C.A. (2004). Dificuldades afetivas e sociais vivenciadas pela mulher cujo cônjuge reside no exterior como emigrante. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, (pp. 73-91). São Paulo: Iglu.

Andrade, C. R.; Chor, D.; Faerstein, E.; Griep, R. H.; Lopes, C. S. & Fonseca, M. J. M. (2005). Apoio social e auto-exame das mamas no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 2 (21), 379-386.

Andrade, G. R. B. & Vaitsman, J. (2005). Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência e saúde coletiva*, 4 (7), 925-934.

Assis, G. (2002). Estar Aqui, Estar Lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 170p.

Assis, G. (2007). De Governador Valadares e Criciúma para Boston. *Nuevo Mundo Nuevos*, 7. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document3754.html>. (Acessado em 20/12/2007).

Assis, G. O.; Sasaki, E. M. (2000) Teorias das Migrações Interacionais. In: *XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 2000, Caxambu. Brasil, 500 Anos: mudanças e continuidades. Caxambu: ABEP.

Baptista, M. N.; Baptista, A. S. D. & Torres E. C. R. (2006). Associação entre suporte social, depressão e ansiedade em gestantes. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 1 (7), 39-48.

Bowling, A. (1999). Measuring social networks and social support. In: *Measuring Health: a Review of Quality of Life Measurements Scales*, 1 (2), 91-109. Baltimore: Open University Press.

Brodhead, E. W.; Kaplan, B. H.; Wagner, E. H.; Shoembach, V. J.; Grimpson, R.; Tibblin, G.; & Gehlbach, S. H. (1983). The Epidemiologic evidence for a relationship between social support and health. *American Journal of Epidemiology*, 5 (177), 521-537. Disponível em: <http://aje.oxfordjournals.org/cgi/content/citation/117/5/521>. (Acessado em: 03/03/2008).

Cassel, J. C. (1974). An epidemiological perspective of psychosocial factors in disease etiology. *American Journal of Medicine*. New York: *Lippincott Company American Journal of Public Health*, 11 (64), 1040-1043. Disponível em: <http://www.ajph.org/cgi/content/citation/64/11/1040> Acesso em 03/03/2008. (Acessado em 03/03/2008).

Chor, D.; Lopes, C. S. & Faerstein E. (2001). Medidas de rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de saúde pública*, 4 (6), 887-896.

Espindola, H. S. (1999) *História da Associação Comercial de Governador Valadares*. Governador Valadares: Univale.

Fusco, W. (2006). *Conexão origem-destino: migrantes brasileiros no exterior*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 18 p.

Levy, P.S., Lemeshow, S. (1991). *Sampling of populations: methods and applications*. New York.

Machado, I. & Reis, E. (2007). Algumas conclusões a cerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria e pesquisa*, 1 (16), 153-166.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1990. 231 p.

Morgado, B. (1986). *A solidão da mulher bem casada*. Rio de Janeiro: José Olímpio.

Norberk, J. S., Lindsey, A. M. & Carrieri V. L. (1981). The development of an instrument to measure social support. *Nursing Research*, 5 (30), 264-269. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/sites/entrez?db=pubmed&uid=7027185&cmd=showdetailview&index=google>. Acessado em: 03 ago 2008.

Oliveira, A. C. de. A Emigração de Brasileiros para os Estados Unidos – o caso de Miami. In: *Anais do XIII Encontro de Estudos Populacionais da ABEP*. Ouro Preto, 2002, v.1, p. 1 a 25.

Resende, Marineia Crosara de, Bones, Vanessa Mistieri, Souza, Ive Sene *et al*. Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. *Psicol. Am. Lat.* [online]. fev. 2006, no.5. p.0-0. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 01 dez 2009.

Seidl, E. M. F. & Tróccoli, B. T. (2006). Desenvolvimento de escala para avaliação do suporte social em HIV/aids. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3 (22).

Siqueira, S. (2006) Migrantes e empreendedorismo na microrregião Governador Valadares – Sonhos e frustrações no retorno. Tese de doutorado. Belo Horizonte, MG. Ufmg.

Siqueira, S. (2006). Emigrantes da Microrregião de Governador Valadares nos EUA: Projeto de retorno e investimento. In: XVº ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2006, Caxambú - MG. *XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais: Desafios e Oportunidades de crescimento zero*. Campinas: ABEP, v. 1.

Slukzi, C. (1995). De cómo la red social afecta la salud del individuo y la salud del individuo afecta a la red social. E. Dabas & D. Najmanovich (orgs.). *Redes, el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Pairós.

Teles, M. L. S. 1992. *O que é depressão*. São Paulo: Brasiliense.